



A Santa Sé

VISITA OFICIAL DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA ITALIANA GIORGIO NAPOLITANO

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Sábado, 8 de Junho de 2013

Senhor Presidente da República!

Desejo agradecer-lhe vivamente esta sua apreciada visita, que me dá a possibilidade de dirigir a minha saudação mais cordial a Vossa Excelência e a todo o povo italiano, cujos representantes o elegeram para um novo mandato ao mais alto cargo do Estado. Dirijo a minha saudação e agradecimento também a todos os Membros da distinta Delegação que o acompanha.

A sua visita, Senhor Presidente, insere-se numa história de relações já longa, e mais uma vez confirma, depois de vicissitudes até atormentadas e dolorosas, a normalidade e a excelência das relações entre a Itália e a Santa Sé. Estas relações desenvolveram-se sobretudo depois da Conciliação e da inserção do Tratado de Latrão na Constituição italiana, e sucessivamente, numa óptica nova, depois do Concílio Ecuménico Vaticano II e do Acordo de revisão da Concordata.

Várias vezes, de ambas as partes, foi reafirmado, com plena razão, que o diálogo entre a Itália e a Santa Sé tem como fim principal o bem do povo italiano e como quadro ideal o seu papel historicamente único na Europa e no mundo. Neste sentido, a Itália pode ser deveras um exemplo na comunidade dos povos, como foi reconhecido em várias ocasiões por personalidades também muito diversas e, nos últimos tempos, tornou-se evidente pela intensidade da relação de estima e amizade entre Vossa Excelência, Senhor Presidente, e Sua Santidade Bento XVI.

Na Itália a colaboração entre Estado e Igreja, sempre dirigida ao interesse do povo e da sociedade, realiza-se na relação diária entre as instâncias civis e da comunidade católica, representada pelos Bispos e pelos seus organismos, e de modo muito especial pelo Bispo de Roma. Assim, também esta primeira visita do Presidente ao Papa — depois da sua participação

na Missa de início do Ministério petrino — pode ser expressa eficazmente com a imagem das duas colinas, o Quirinal e o Vaticano, que se olham com estima e simpatia.

Neste ano de 2013 recorda-se o XVII centenário do édito de Milão, por muitos considerado símbolo da primeira afirmação do princípio da liberdade religiosa. Há um século as celebrações desta data representaram uma etapa no processo histórico que favoreceu a tomada de consciência e a contribuição dos católicos para a construção da sociedade italiana, contribuição que continua a ser importante para o caminho da Nação.

No mundo de hoje a liberdade religiosa é afirmada com mais frequência do que realizada. Com efeito, ela é obrigada a sofrer ameaças de vários tipos e muitas vezes é violada. Os graves ultrajes infligidos a este direito primário são fonte de preocupação séria e devem ver a reacção concorde dos países do mundo ao reafirmar, contra qualquer atentado, a dignidade intangível da pessoa humana. É um dever de todos defender a liberdade religiosa e promovê-la para todos. Na tutela partilhada deste bem moral encontra-se, além disso, também uma garantia de crescimento e de desenvolvimento de toda a comunidade.

O momento histórico que estamos a viver está marcado também na Itália, como em muitos outros países, por uma crise global profunda e persistente, que acentua os problemas económicos e sociais, pesando sobretudo sobre a parte mais débil da sociedade. São preocupantes sobretudo os fenómenos como o debilitamento da família e dos vínculos sociais, a diminuição demográfica, o prevalecer de lógicas que privilegiam o lucro em relação ao trabalho, a atenção insuficiente às gerações mais jovens e à sua formação, em vista também de um futuro sereno e seguro.

Neste contexto, certamente não fácil, é fundamental garantir e desenvolver o conjunto das instituições democráticas, para as quais nos decénios passados os católicos italianos contribuíram de modo determinante, leal e criativo. Portanto, num momento de crise como o actual é urgente que possa crescer, sobretudo entre os jovens, uma nova consideração do compromisso político, e que crentes e não-crentes juntos colaborem na promoção de uma sociedade na qual as injustiças possam ser superadas e cada pessoa seja acolhida e possa contribuir para o bem comum segundo a própria dignidade e fazendo frutificar as próprias capacidades. A distância entre a letra e o espírito dos ordenamentos e das instituições democráticas deve ser sempre reconhecida e é necessário o compromisso de todos os sujeitos envolvidos para a superar sempre de novo. Também nós, católicos, temos o dever de nos comprometermos cada vez mais num sério caminho de conversão espiritual para que nos aproximemos todos os dias do Evangelho, que nos estimula a um serviço concreto e eficaz às pessoas e à sociedade.

Também no âmbito civil é verdade que a fé nos tranquiliza: nunca se deve perder a esperança. Neste sentido, quantos exemplos nos deram os nossos pais e avós, enfrentando na sua época duras provas com grande coragem e espírito de sacrifício! Várias vezes Bento XVI reafirmou que

a crise actual deve ser ocasião para uma renovação fraterna das relações humanas. Também o povo italiano, inspirando-se com confiança e criatividade na sua riquíssima tradição cristã e nos exemplos dos seus santos padroeiros Francisco de Assis e Catarina de Sena, assim como de numerosas figuras religiosas e laicas, e do testemunho silencioso de tantas mulheres e homens, pode e deve superar qualquer divisão e crescer na justiça e na paz, continuando assim a desempenhar o seu papel peculiar no contexto europeu e na família dos povos. E trabalhar para criar uma cultura do encontro.

Senhor Presidente, renovo-lhe o meu agradecimento por esta visita tão apreciada. E sinto-me feliz por aproveitar esta ocasião para expressar o meu reconhecimento a Vossa Excelência e a todos os italianos pelo afecto caloroso com o qual me acolheram depois da minha eleição: fizeram-me sentir de novo em casa! Obrigado. Possa a Itália ser sempre uma casa acolhedora para todos! Por isto garanto a minha oração, e abençoo de coração Vossa Excelência e os entes seus queridos, quantos estão ao serviço da gestão pública e todo o povo italiano. Obrigado.